



BRINCAR HEURÍSTICO: AS INÚMERAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO COM O CESTO DOS TESOuros¹

Dienifer Selle Megier², Luiza Zambon Baiotto³

¹ Trabalho da disciplina de Infância e Educação Infantil de zero a três anos desenvolvido na UNIJUI.

² Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da UNIJUI, dienifer.megier@sou.unijui.edu.br.

³ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da UNIJUI, luiza.baiotto@sou.unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Para Goldschmied e Jackson (2006, p.114) “a coordenação dos olhos, das mãos e da boca marca um grande passo adiante, mas, como toda habilidade, para desenvolvê-la o bebê precisa de oportunidades para praticá-la”. Diante de tal afirmação, o brincar heurístico vem como uma possibilidade de potencializar essas habilidades, uma vez que faz as crianças explorarem diversos objetos que fogem de seu cotidiano, objetos que por sua vez não são estruturados, desafiando-as.

Ao serem colocados diante de materiais não estruturados, que fazem barulhos diferentes, tem texturas estranhas, e formatos desconhecidos, os bebês e crianças bem pequenas se veem diante de um “cesto dos tesouros”, algo que eles necessitam explorar, descobrir e manipular, seja com as mãos, olhos ou boca. O Cesto dos Tesouros é assim uma vivência necessária e quando explorado e observado de maneira minuciosa pelos educadores referência, se tem uma documentação muito rica do que os bebês e crianças bem pequenas fazem com ele, que é por sua vez, o foco principal deste trabalho.

METODOLOGIA

O referido trabalho teve como fonte primária pesquisas bibliográficas acerca do brincar heurístico e cesto dos tesouros, pautando-se em textos que trouxeram a possibilidade de um aprofundamento nessas áreas. De um caráter exploratório foram estudados capítulos do livro “Educação de 0 a 3 anos - O atendimento em creches” de Goldschmied e Jackson, com o objetivo de compreender as perspectivas que podem ser exploradas com bebês e crianças bem pequenas.

Os esforços compreensivos aqui empreendidos foram também reflexo da vivência prática com os cestos dos tesouros em duas escolas de educação infantil, uma com bebês e outra com crianças bem pequenas, os mesmos observados como pessoas com agência, na vivência do



jogo heurístico. Neste texto, em especial, buscou-se trabalhar o que fazem os bebês e as crianças bem pequenas com o cesto de tesouros?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência do Cesto de Tesouros, foi uma oportunidade para bebês e crianças bem pequenas experienciar diferentes objetos, com origens distintas, evitando ao máximo o uso de objetos estruturados. Os elementos que compõem o cesto foram muito bem pensados de acordo com a faixa etária das crianças, permitindo que os explorem sem preocupações por parte da educadora referência.

A partir das experiências realizadas, foram elencados apontamentos entre o grupo dos bebês e o grupo das crianças bem pequenas, aqui chamados de Grupo 1 e Grupo 2, respectivamente. No grupo 1, bebês de nove meses a dois anos mostraram um forte interesse nos objetos do cesto, uma vez que a prática se estendeu em torno de uns 45 minutos. Observados de forma individual, para o referido trabalho foram tomadas como análise as explorações de dois bebês, uma menina e um menino.

O menino logo chegou à cesta dos tesouros e tomou o que mais lhe chamou a atenção, um fuê, seguido de um caroço de abacate, diante disso ele colocou o caroço de abacate dentro dos fios do fuê, deixando-o ali preso. Começou a chacoalhar o objeto de um lado para o outro tentando tirar o caroço, quando não conseguiu, com a sua própria mão renovou-o, em seguida colocou o caroço novamente dentro do fuê e ficou cerca de 15 minutos brincando com o objeto.

É possível notar-se nessa experiência do menino, como algo que para muitos é normal (fuê) para ele virou algo fascinante, aguçando seus sentidos seja para o barulho que fazia, a textura, ou apenas a observação do objeto. Percebe-se aqui como um simples objeto que é diferente para a criança está desenvolvendo de forma simples suas habilidades, de acordo com Renata Meirelles, em sua conversa com Severino Antônio, em um Café Filosófico, promovido pela TV Cultura, ela explica que, brinquedos não estruturados, como o fuê, geram aprendizagens maiores, pois permite que a criança explore melhor o mundo utilizando seu corpo e sua imaginação.

A menina por sua vez, identificou dentre todos os materiais disponíveis no cesto, um pote e sua tampa, o que lhe foi uma descoberta muito prazerosa. Após isso, com o pote aberto começou a colocar materiais dentro dele, como medalhas, parques e caroço de abacate. Ficou



repetindo esses processos de tirar e colocar esses materiais diversas vezes por um longo período de tempo.

Compreende-se nessa atividade da menina a sua observação concentrada, de escolher itens que iriam de fato entrar no pote, bem como também a repetição desses itens. E essa mesma repetição segundo Goldschmied e Jackson (2006, p.152): “é bastante semelhante à que ocorre com a atividade de cientistas, que desenvolvem seus conhecimentos através da repetição contínua do mesmo experimento”.

Ilustrando aqui uma questão importante desenvolvida dentre as duas crianças, ambas selecionaram entre tantos objetos aqueles que mais lhes chamaram a atenção. Trabalhando com os mesmos de uma forma concentrada, sendo sua habilidade em desenvolvimento de manipular coisas parte essencial da atividade.

Goldschmied e Jackson (2006) refletem também sobre a importância da habilidade de escolha inteligente dessas crianças ser estimulada desde pequenas, uma vez que ao se tornarem maiores necessitam da mesma, seja para comprar uma roupa ou escolher um trabalho. Então é algo que as crianças precisam de oportunidades adequadas para praticar desde muito cedo, o que pode ser facilmente oportunizado com o Cesto dos Tesouros.

Pautando agora o grupo 2, que foi composto por quatro crianças que têm entre 2 anos e 2 meses a 2 anos e 8 meses. Para descrevermos sua agência no contato com o cesto usaremos nomes fictícios, do mais novo para o mais velho, que são, Ana, João, Alice e Maria.

No primeiro contato com o cesto, João perguntou se poderia pegar o pincel, e foi respondido que eles poderiam explorar o cesto de tesouros da forma como quisessem. Percebe-se claramente, que as crianças bem pequenas têm um tempo de atenção muito pequeno, e facilmente dispersam-se. Estas crianças em específico mantiveram maior atenção com os objetos mais estruturados, como as bolinhas contidas no cesto, e adoraram o novelo de linha, no qual se enrolavam constantemente.

Mesmo assim, utilizaram os objetos do cesto para construir narrativas, em determinado momento, após esvaziar o cesto de tesouros enquanto explorava alguns elementos, Maria diz para Ana “Vai lá! Leve para a vovozinha.”, entregando o cesto para a colega, com algumas bolinhas dentro. Por sua vez, Ana saiu andando pelo pátio para levar a encomenda de Maria. Revelando o papel da imaginação um pouco além do jogo heurístico, mas também no jogo dramático.



Após breves minutos, o grupo dispersou-se, então buscou-se fazer perguntas e reuni-los novamente, as meninas pouco se interessaram, mas João retornou à vivência proposta. A partir das perguntas, João questionava o que era isso, o que era aquilo, explorava os objetos, destruindo uma semente de cedro, enquanto escutava e sentia o que era aquele elemento. Quando questionado sobre “O que é isso?”, ele não respondeu, mas percebe-se que claramente estava aprendendo o que era aquilo através dos seus sentidos.

Durante toda a vivência não houve em momento algum disputas pelos objetos apresentados, como explica Goldschmied e Jackson, (2006,p. 151), “As crianças absorvidas por suas próprias descobertas não entram em conflito com outras no grupo”, nem sempre utilizavam-se da linguagem oral, mesmo sendo todos munidos desta ferramenta, às vezes, numa simples troca de olhares uma criança cedia o objeto a outra. Ainda, de acordo com os autores, “[...] as crianças, ao se aproximarem dos dois anos, começam a se empenhar em trocas cooperativas com outras, que surgem a partir da exploração do material”.

Notamos ao analisar e comparar os dois grupos uma grande diferença entre eles, enquanto o primeiro com cinco crianças buscava ao máximo explorar todos os objetos presentes no cesto, num movimento de descobrir, pesquisar e experienciar, o outro voltou-se aos elementos mais estruturados, como as bolinhas, e o próprio cesto, que foi usado como “cesta da vovozinha”, no jogo heurístico entre as crianças. Ocorre que, com este grupo de crianças os objetos já deveriam ter uma finalidade, enquanto os bebês tentam responder “o que é isso?”, as crianças bem pequenas querem saber diretamente “para que é isso?”, por isso voltam-se primeiramente para as bolinhas.

Observa-se também que no processo de exploração do material, para as crianças não há certo ou errado, não há uma maneira pré definida de como determinado objeto tem que ser usado. Elas apenas os escolhem e exploram as mais diversas possibilidades de usá-los, seja para colocar um caroço dentro como é o caso do menino com o fuê, ou seja, usar a linha do novelo de lã para se enrolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizados os estudos teóricos e práticos acerca dos cestos de tesouros, é possível concluir que o mesmo, permite a criança que descubra novos interesses a partir da gama de possibilidades ofertadas, e que desde cedo saiba escolher entre um ou outro. Quando cria o jogo



heurístico, a partir dos objetos do cesto, desenvolve a linguagem oral, o pensamento, a imaginação, a criatividade, e mesmo quando ainda não se comunica verbalmente, através de balbucios e das emoções, o bebê se expressa significativamente.

O que bebês e crianças bem pequenas fazem com o cesto dos tesouros é nada mais nada menos do que se desenvolverem em uma perspectiva diferente da “tradicional”, é experimentar o novo e perceber que ele também é muito interessante. Suas particularidades individuais permitem que cada criança explore os materiais de um jeito único, e levem para si suas próprias experiências, pautadas no que as mesmas escolhem explorar dos diversos materiais não estruturados que um cesto dos tesouros oferece.

Palavras-chave: Cesto. Tesouros. Crianças. Brincar. Heurístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: **O atendimento em creches**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Café Filosófico CPFL. **A importância do Brincar** - Renata Meirelles e Severino Antônio. YouTube, 2019.